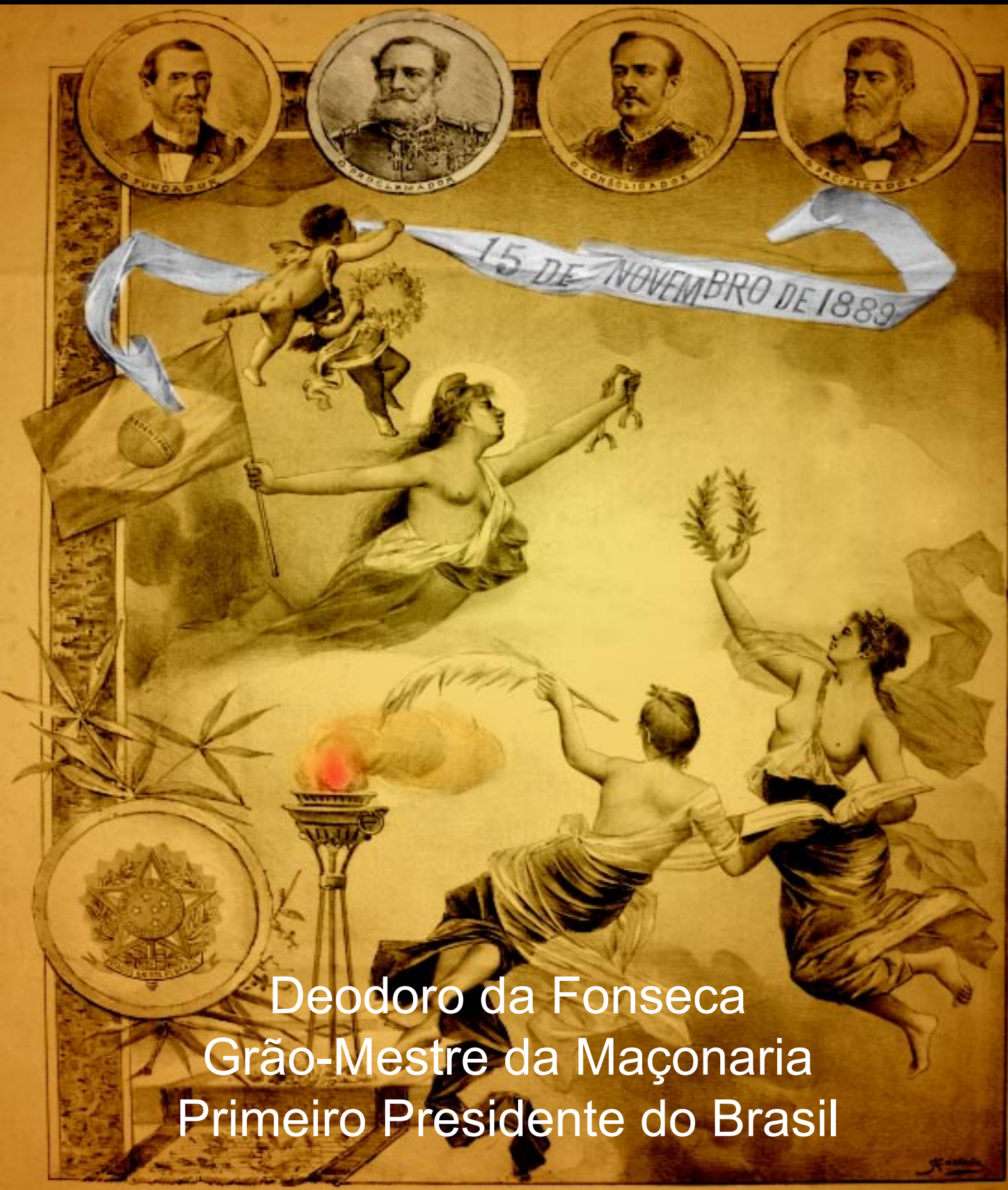


# G.:O.:S.:P.: Cultural on line

revista maçônica de cultura e informação

Nº 3 — novembro / dezembro 2007



Deodoro da Fonseca  
Grão-Mestre da Maçonaria  
Primeiro Presidente do Brasil



## G.:O.:S.:P.: CULTURAL online

Uma publicação bimestral da Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do Grande Oriente de São Paulo

### EXPEDIENTE:

**Diretor Editorial:** Carlos Brasília Conte

**Diretor de Arte:** Celso Ferrarini Junior

### Conselho Editorial:

**Presidente:** Nelson Parolini

### Conselheiros:

Carlos Guardado

Carlos Augusto Cassiano

Fuad Issa

Joe Rivelino

Ruy Luis Ramires

Valdemar A. A. Cavalheiro

**Revisão :** Luiz Carlos do Prado

### Jornalista Responsável:

Celso Ferrarini Junior MTB nº49.337/SP

As matérias assinadas não refletem posições oficiais do GOSP e são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

## EDITORIAL

A avaliação de qualquer revista, profana ou maçônica, deve ser feita pelos leitores; estes, muitas vezes sem o saber, com suas sugestões, pedidos, propostas, opiniões e críticas, prestam um inestimável auxílio e uma valiosa colaboração àqueles que a produzem, seja na diagramação, editoração ou revisão. Esta revista, porém, quer mais...e solicita aos seus leitores, maçons e amigos, que enviem também trabalhos para publicação. Sabemos que no dia-a-dia das Lojas, no Tempo de Estudos, são apresentadas belíssimas peças de arquitetura versando a respeito de filosofia iniciática, história da maçonaria, ética, meio-ambiente e outros tantos temas palpitantes e atuais. Tais trabalhos poderiam engrandecer ainda mais a nossa Sublime Instituição e enaltecer a inteligência, o talento e a sabedoria dos maçons, se fossem divulgados ao mundo profano através deste veículo de comunicação. Envie-nos o seu trabalho, desde que original, e o encaminharemos ao Conselho Editorial para análise e eventual publicação. Colabore. A revista, afinal, é de todos nós.

*Carlos Brasília Conte, Diretor Editorial.*



*“Tem gente que é tão pobre, mas tão pobre...  
que só tem dinheiro” Pedro de Lara (1925- 2007)*

## ACÁCIA

### Meia noite

Peregrino da Vida, densas trevas impedem tua visão e dificultam tua marcha, convidando teu corpo ao descanso e tua alma ao recolhimento.

Ao longe, na estrada, um raio de luar rasga o véu das nuvens escuras, iluminando por alguns instantes a frondosa Acácia.

Guarda teu cajado, recosta teu corpo cansado no tronco da acolhedora árvore e nada temas: ela não é, como imaginam os timoratos, um símbolo da morte; é, antes, emblema vivo da imortalidade.

E antes que o sono venha te envolver, reveja o dia que passou e a estrada que permanece...e pensa no dia que virá e na distância que ainda te aguarda.

Mas, acima de tudo, agradece ao Grande Arquiteto do Universo por mais esta estapa vencida e confia: amanhã o sol voltará a brilhar.

### Meio dia

Peregrino da Luz, retoma teu cajado e segue tua viagem. A estrada infinita te oferece a paz e o silêncio e, em troca, tens a oportunidade de apreciar a paisagem e reinterpretar a natureza, procurando estabelecer a lógica que une a causa primeira e o fim último, o alfa e o ômega, a origem e o termo.

Olha para o alto.

No céu azul e nas nuvens brancas recordarás que o universo é um templo e o templo é um universo, como um dia demonstrou Hermes. O sol, refulgindo na imensidão, afasta na terra todas as sombras ilusórias do erro e da mentira. Sol e Terra... afinidades eletivas de Apolo e Ceres, celebradas na Antiguidade pela lira de Orfeu imortalizada nos Mistérios de Eleusis e plenamente reveladas aos ventos renovadores da Escola de Crotona, sob cuja portentosa égide Pitágoras demonstra a essência e as bases da Arte Real: o número, a forma e os instrumentos que possibilitam a sua aplicação.

Esquadro e Compasso, Régua e Alavanca, Nível e Prumo...vislumbres de uma arte operativa que os séculos e os milênios se encarregaram de tornar uma filosofia especulativa. Nasce enfim a Maçonaria. Possas tu, meu Irmão Peregrino, colher algo de útil na inutilidade dessas divagações.

Possas tu unir o princípio - que é a lenda - ao fim - que é a realidade, transformando conhecimento em ação... para o bem da pátria e da humanidade, para a prevalência do Espírito sobre a matéria.

Carlos Brasília Conte  
Assistente Estadual de Cultura e Educação  
Maçônicas do GOSP



## A República e o Papel dos Maçons Paulistas

Ir.: José Castellani

Com a morte do visconde do Rio Branco, foram realizadas novas eleições para a administração do Grande Oriente do Brasil, a 27 de junho e a 4 de julho de 1881, sendo eleitos o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira como Grão-Mestre e o almirante Artur Silveira da Mota (futuro barão de Jaceguai), paulista, como Grão-Mestre Adjunto, ficando Francisco Cardoso Júnior como Grão-Mestre Honorário.

João Alfredo, devido a suas viagens, não assumiu, todavia, o cargo, sendo, a 29 de setembro, empossado apenas o almirante Artur Silveira da Mota, como Adjunto e que acabaria dirigindo o Grande Oriente, como Grão-Mestre em exercício (ou interino), até 5 de maio de 1882 quando João Alfredo declarou não poder aceitar o cargo; nessa ocasião, o almirante, declarando a sua impossibilidade para continuar preenchendo o cargo, renunciou a ele, o que fez com que a assembléia geral, a 24 de maio, declarasse a vacância dos cargos de Grão-Mestre e Grão-Mestre Adjunto e entregasse o cargo de Grão-Mestre, novamente, a Cardoso Júnior, o qual, embora interino, acabou assumindo todas as rédeas, com poderes totais, diante da situação anômala, até 1885.

Em 1881, mais duas Lojas seriam fundadas na Província de S. Paulo: Loja “VINTE E OITO DE SETEMBRO”, de São José dos Campos, fundada a 15 de fevereiro de 1881 - com título distintivo em homenagem à lei Visconde do Rio Branco, ou “do Ventre Livre” - no Rito Escocês e na jurisdição do Grande Oriente Unido; foi incorporada ao Grande Oriente do Brasil, em 1883, e viria a abater colunas cerca de dez anos depois.

Loja “VIRTUDE E CARIDADE”, de Santa Bárbara do Oeste, fundada a 16 de dezembro de 1881, no Rito

Escocês e na jurisdição do Grande Oriente Unido; incorporada ao Grande Oriente do Brasil, em 1883, abateria colunas cerca de cinco anos depois.

Em 1882, chegava ao fim a cisão na Maçonaria brasileira, com a fusão das duas Obediências. Saldanha, já doente e cansado, sem poder comandar, convenientemente, o seu Grande Oriente “Unido”, pediu demissão de seu cargo, a 30 de março de 1882, incentivando, inclusive, a fusão, cujas negociações foram mais incrementadas a partir do momento em que o Supremo Conselho dos Estados Unidos, jurisdição Norte, reconhecia o Grande Oriente do Brasil, em junho do mesmo ano, ocasião em que foram expedidas as patentes de reconhecimento mútuo. Assim, a 18 de dezembro de 1882, era considerado extinto o Grande Oriente Unido, antigo dos Beneditinos, oficializando-se a união trinta dias depois a 18 de janeiro de 1883, permanecendo uma Obediência única, sob o título original: GRANDE ORIENTE DO BRASIL.

Durante o ano de 1882, que marcaria a extinção do Grande Oriente Unido, a Maçonaria paulista passava por um período de grande dinamismo, com a fundação de mais cinco Lojas, que seguem:

Loja “UNIÃO E LIBERDADE”, de Faxina (depois, Itapeva), fundada a 13 de julho de 1882, no Rito Escocês e na jurisdição do Grande Oriente Unido; anexada ao G.O. do Brasil com a incorporação do G.O. Unido a este, a 18/01/1883, abateria colunas cerca de doze anos depois. Loja “TRABALHO E HONRA”, de Casa Branca, fundada a 31 de julho de 1882, no Rito Escocês e na jurisdição do Grande Oriente Unido, incorporada ao Grande Oriente do Brasil, em 1883, foi declarada extinta, em 1904, quando fez fusão com a Loja “UNIÃO E CARIDA-

DE II”.

Loja “SÃO JOÃO”, de Guaratinguetá, fundada a 1.º de agosto de 1882, no Rito Escocês e na jurisdição do Grande Oriente do Brasil; acabou sendo dissolvida pelo Grande Oriente, menos de um ano depois (a 19 de julho de 1883), pelas graves irregularidades que apresentava.

Loja “SEGREDO 2a”, de Limeira, fundada a 20 de dezembro de 1882, no Rito Escocês e no Grande Oriente Unido - apesar deste ter sido declarado extinto dois dias antes tendo sido incorporada ao Grande Oriente do Brasil a 18/01/1883, abatendo colunas cerca de três anos depois.

Loja “ESTRELA DO ORIENTE”, de São Carlos, fundada a 20 de dezembro de 1882, no Rito Escocês e no Grande Oriente Unido (apesar da extinção deste a 18/12); seria incorporada ao Grande Oriente do Brasil cerca de um ano depois da incorporação do Grande Oriente Unido, vindo a abater colunas cerca de dez anos depois.

A 20 de janeiro de 1885, era sancionada nova Constituição do Grande Oriente do Brasil e, no mesmo ano, era eleita a nova administração, com Luiz Antonio Vieira da Silva (depois, visconde Vieira da Silva), como Grão-Mestre, e João Baptista Gonçalves de Campos, visconde de Jary como Adjunto.

No plano político-social, prosseguia a luta abolicionista e recrudescia a campanha republicana, com participação ativa de muitas Lojas. Luis Gama, o grande timoneiro da abolição da escravatura e convicto republicano (como representante de S. José dos Campos, participou da fundação do Partido Republicano Paulista), falecera a 28 de agosto de 1882. Mas a sua bandeira continuou a ser empunhada por outros abolicionistas principalmente por

Continuação...

Joaquim Nabuco, que começava a empolgar o sentimento do povo brasileiro em torno do fim total da escravidão negra no país, e pelo grande paulista e maçom Antonio Bento, que continuou a atuação prática de Luis Gama. E a pressão das Lojas também prosseguia: é o caso, para exemplificar, da Loja “PIRATININGA”, que em sessão de 14/9/1887, aprovava uma deliberação, com substitutivo do Ir.: Martim Francisco Ribeiro de Andrada III neto do primeiro Martim Francisco e sobrinho-neto de José Bonifácio, pela qual ficava proibida a entrada de novos Irmãos ou filiações que fossem senhores de escravos e que, se, mais tarde, viessem a possuí-los, seriam multados pecuniariamente, sendo, as importâncias arrecadadas, revertidas a um fundo de emancipação.

Nessa época, depois de um período de certo marasmo, nos anos seguintes à incorporação do Grande Oriente Unido ao Grande Oriente do Brasil, voltavam a ser fundadas Lojas em S. Paulo, quando se começava a estudar a formação de uma Grande Loja na Província, sob a égide do Poder Central. Assim, surgiam as seguintes Oficinas:

Loja “ESTRELA D’ OESTE”, de Ribeirão Preto, filiada ao Grande Oriente do Brasil, a 14 de setembro de 1887, depois de ter sido fundada, provavelmente dois anos antes, na jurisdição do Grande Oriente do Passeio, que passava pela última e frustrada tentativa de reerguimento, sob a liderança de Gaspar da Silveira Martins. No Grande Oriente do Brasil, recebeu o número 418.

Loja “ITÁLIA”, da Capital, fundada a 8 de janeiro de 1888, no Rito Escocês e na jurisdição do Grande Oriente do Brasil; viria a abater colunas durante a 2ª Guerra Mundial. Loja “ROMA”, da Capital, fundada a 14 de fevereiro de 1889, no Rito

Escocês e na jurisdição do Grande Oriente do Brasil, onde recebeu o número 425, no Registro Geral.

Loja “FÉ E PERSEVERANÇA”, de Jaboticabal, fundada a 14 de agosto de 1889, no Rito Escocês e na jurisdição do Grande Oriente do Brasil, onde recebeu o número 426.

No terreno social, com referência ao movimento pela abolição da es-



Senador Vergueiro

cravatura, a lei dos sexagenários, de 28/9/1885, que libertava os escravos que se encontravam nessa faixa etária, ou acima dela, e a lei Áurea de 13 de maio de 1888, que extinguiu, totalmente, a escravidão, completariam a luta abolicionista e ajudariam a precipitar o fim do império, já que a abrupta abolição causara grande descontentamento entre os proprietários de terras, pois não houvera tempo suficiente para que eles substituíssem, em suas lavouras, o braço escravo; a exceção foi a província de S. Paulo, onde, já a partir de 1840, em sua fazenda de Ibicaba, em Limeira, o senador Vergueiro (primeiro Grão-Mestre

do G.O. do Passeio e que, posteriormente, passaria para o Grande Oriente do Brasil) aproveitava os imigrantes alemães e suíços, e onde, a partir de 1870, com a grande expansão da lavoura cafeeira, houve o início do aproveitamento de imigrantes italianos.

A campanha republicana, por seu lado, era incrementada pela Questão Militar que na verdade, consistiu numa série de atritos, acontecidos entre 1883 e 1889, entre os políticos e os militares, causados pelo brio dos militares e pela inabilidade de políticos e ministros. Esses atritos iriam criar uma atmosfera propícia para o levante militar final, em 1889, o qual resultaria na implantação do regime republicano, sob a liderança de maçons como Benjamin Constant Botelho de Magalhães e Manoel Deodoro da Fonseca.

A Questão Militar, na realidade, não se limitou aos quartéis, mas teve, também, escora política no Parlamento. Os partidos políticos diante de suas rivalidades procuravam apoio e proteção nas forças armadas, entregando-se ao amparo dos grandes chefes militares. Isso já havia acontecido com os liberais fazendo do general Osório maçom dos mais destacados, o seu conselheiro militar, enquanto que Caxias tornava-se, pelas circunstâncias, o líder militar dos conservadores. Com a morte de ambos em 1879 (Osório) e 1880 (Caxias), os partidos saíram atrás de substitutos, sendo que os liberais o encontraram na pessoa do general Correia da Câmara, visconde de Pelotas e senador pela província do Rio Grande do Sul, enquanto os conservadores faziam o mesmo com Deodoro. Sendo, todavia, Pelotas e Deodoro, totalmente dedicados ao Exército, acima de qualquer rivalidade partidária, toda a participação do segundo, nas questões militares com o império, seria apoiada decidida-

Continuação...

mente, pelo primeiro, no Senado, pois mais do que as questões partidárias interessava manter a coesão do Exército, que havia sustentado a independência e combatido para assegurar a unidade nacional. As questões principais foram as punições, em 1885, do tenente-coronel Cunha Matos e do major Sena Madureira, pelo ministro da Guerra (civil) por críticas a este. As punições foram consideradas uma injúria, pois Cunha Matos, em um jornal diário, respondendo a um deputado que o havia ofendido, externara o conceito de que a causa de toda a discussão fora um erro do ministro. Em 1886, Deodoro - que fora iniciado na Loja "ROCHA NEGRA", de S. Gabriel (RS). a 20/9/1873 - então no comando da guarnição do Rio Grande do Sul e já com um largo prestígio no Exército, apoiou o seu subordinado, Sena Madureira, sustentando a legitimidade de sua posição. Ao mesmo tempo, por inspiração de Benjamin Constant reuniram-se no Rio de Janeiro, a 10 de outubro de 1886, os oficiais do Exército e da Armada, presididos por ele e pelo almirante Artur Silveira da Mota (que tinha exercido o Grão-Mestrado do Grande Oriente do Brasil), para hipotecar solidariedade aos seus camaradas Sena Madureira e Cunha Matos. Demitido de seu comando por essa atitude, Deodoro recolheu-se à capital do império, onde o movimento aumentou, em 1877, sempre dirigido por ele e por Benjamin e com o apoio de Pelotas no Senado. Com esse crescimento, Deodoro assina, juntamente com Pelotas, o manifesto "Ao Parlamento e à Nação", redigido por Rui Barbosa, onde eram definidos os pontos de vista da classe militar; em junho de 1887, em consequência, era instituído o Clube Militar, com Deodoro na presidência. E, nesse mesmo ano, quando os fazen-

deiros procuravam obter, do governo, a colaboração militar na caça aos escravos fugidos a princesa regente, D. Isabel, recebia, através do Clube, uma altiva mensagem, onde se solicitava que o Exército fosse dispensado de tal missão vergonhosa de capitão-do-mato.

Apesar da intensa movimentação, os velhos militares, com patente de major para cima, tinham grande respeito pelo imperador, que, durante a guerra do Paraguai, tinha se mantido firme ao lado dos alvos nacionais da campanha sustentada pelas forças armadas.

Os postos inferiores, entretanto, estavam preenchidos por jovens alunos das escolas militares, os



Quintino Bocayuva

quais, além de não experimentar sentimentos semelhantes ao dos oficiais mais antigos estavam altamente doutrinados pelo professor de maior prestígio da Escola Militar aquele que viria, por sua atuação, a ser cognominado "o pai da República": o maçom e positivista tenente-coronel Benjamin Constant que fazia aberta apologia do mo-

vimento republicano e era um dos mais categorizados críticos do governo imperial.

A par das atividades militares com a atuação de muitos maçons, era grande a efervescência nas Lojas e nos clubes republicanos de inspiração maçônica destacando-se, nesse período, muitos maçons civis, que seriam chamados de "republicanos históricos": Quintino Bocayuva (fundador do jornal "A República" e Grão-Mestre do GOB), Campos Salles (futuro presidente da República), Prudente de Moraes (primeiro presidente civil da República), Silva Jardim, Rangel Pestana, Francisco Glicério, Américo de Campos, Pedro de Toledo, Américo Brasiliense, Ubaldino do Amaral, Aristides Lobo, Bernardino de Campos e outros.

Além disso, várias Lojas e obreiros aprovaram propostas contrárias ao advento de um terceiro reinado e pela implantação da república, enviando seu parecer a todas as demais Lojas, embora não tenha, a receptividade de algumas, sido boa. Da província de S. Paulo, partiria uma das primeiras iniciativas maçônicas nesse sentido, através das Lojas "INDEPENDÊNCIA" e "REGENERAÇÃO III" da cidade de Campinas, as quais, a 20/6/1888, enviavam prancha às demais Lojas, solicitando apoio para uma conspiração que impedisse o advento do terceiro reinado. O descaso com os documentos maçônicos - semelhante ao descaso geral com os documentos históricos da nação - impediu que respostas de muitas Lojas, se é que houve resposta da maioria - fossem preservadas. Algumas, porém, chegaram até nós: é o caso das respostas das Lojas "ACÁCIA RIO-GRANDENSE", do Rio Grande do Sul e "CARIDADE E SEGREDO", da Bahia, as quais não foram muito animadoras, mostrando que a opinião

Continuação...



Conde d'Eu, Dom Pedro II, Teresa de Bourbon-Sicílias e Princesa Isabel

maçônica, dentro do espírito democrático que deve reger a instituição, refletia a própria heterogeneidade da sociedade brasileira.

A partir de 1887, quando o imperador, minado pela doença (era diabético), ficara privado de sua antiga energia, fazendo prever um fim próximo, com a conseqüente ascensão da princesa Isabel e de seu marido, conde D' Eu, ao trono, estabeleceu-se uma rede secreta de intrigas, persistente e sutil, mostrando uma figura distorcida da princesa e do conde francês: dizia-se que Isabel era um mero instrumento da vontade do clero e que seu marido era um avaro aproveitador, afastado dos interesses brasileiros o que estava longe da realidade, pois ele era um soldado leal, altruísta e capaz, mas que, devido a uma surdez e ao forte sotaque, era mantido isolado, nunca admitido na sociedade brasileira, para a qual ele foi até ao fim, "o francês". Intrigas de bastidores! Coisas de uma política muitas vezes desleal! Mas que ajudariam a apressar o fim do império e o advento da república, desejada por setores importantes da vida social brasileira. Preparado em segredo, nos meios militares e nas rodas republicanas,

onde era expressivo o número de maçons, o levante deveria ocorrer no dia 20 de novembro de 1889. Nos dias 13 e 14 todavia, temendo-se hesitações e dificuldades de última hora e com a circulação do boato, entre os muitos da época, de que o governo mandara prender Deodoro, resolveu-se antecipar o golpe, começando a movimentação das tropas na madrugada do dia 15. Já no dia 10, havia sido decidida a queda do império, numa reunião na casa de Benjamin Constant, à qual estiveram presentes os maçons paulistas Francisco Glicério e Campos Salles. O obstáculo, naquele momento, era a afeição de Deodoro ao imperador; para transpô-lo, foi necessário todo o poder de persuasão de Benjamin e de outros companheiros de farda, pois, pelo seu prestígio no Exército, teria que caber, a Deodoro, o papel decisivo, no comando da tropa. Convencido, por fim, de que isto teria que ser feito, ele assumiu o comando do movimento.

Deposto todo o Conselho de Ministros, presidido pelo visconde de Ouro Preto, Deodoro, todavia, num rasgo de sua antiga fidelidade a D. Pedro II não se dispunha a tomar

providências para implantar a república, tendo declarado a Ouro Preto, que iria mandar procurar o imperador, em Petrópolis, para propor-lhe um novo gabinete. Foi aí que, mais uma vez, entrou em cena Benjamin Constant, que fez ver, a Deodoro, o perigo que eles correriam, daí em diante, por sua rebeldia, com a sobrevivência do governo imperial. E, assim, se fez a república no Brasil. Chegada a notícia da proclamação da República à Província de S. Paulo, um dos primeiros atos concretos foi a reunião dos propagandistas, no Clube Republicano, às 10 horas da noite, quando Américo de Campos deu, aos demais, ciência do que se passava, propondo a aclamação de um governo provisório em São Paulo. No dia seguinte, o secretário interino da Comissão Permanente do Partido Republicano, Campos Salles, endereçava ofício à Câmara Municipal, comunicando terem sido aclamados, como membros do Governo Provisório da província, os cidadãos tenente-coronel Joaquim de Souza Mursa, Prudente de Moraes Barros e Francisco Rangel Pestana, tendo Bernardino de Campos como chefe de polícia e o jornalista Júlio Mesquita como secretário do governo. Três dias depois, a 19/11, Martinho Prado Júnior, conhecido como Martinico Prado (1842-1906), maçom, como Prudente, Campos Salles, Rangel Pestana, Américo de Campos, Bernardino de Campos e Júlio Mesquita, apresentava, à Câmara Municipal de S. Paulo, em nome do povo, proposta de mudança de denominação de diversas ruas: rua do Imperador, para rua Marechal Deodoro; rua da Imperatriz, para rua 15 de Novembro; rua da Princesa, para rua Benjamin Constant; rua Conde D' Eu, para rua Glicério; rua do Príncipe, para rua Quintino Bocaiuva; rua de S. José, para rua Libero Badaró; e rua Comércio da Luz, para avenida Tiradentes. A essa proposta, o vereador João Augusto Garcia apresentou um adendo, propondo

Continuação...

que a praça Sete de Abril passasse a ser praça 15 de Novembro; a essa emenda, Domingos de Moraes ofereceu outra: que essa praça Sete de Abril passasse a ser praça da República.

Nessa época, São Paulo ainda era uma cidade acanhada, com 7.000 casas e uma população de cerca de 40.000 habitantes, com sua atividade maior numa pequena área central, delimitada pelos riachos e córregos Tamanduateí, Anhangabaú e Bexiga. Tinha, todavia, ligação ferroviária - através das linhas das Companhias Inglesa, Paulista, Sorocabana, Mogiana, Ituana. Rio Claro e Bragantina - com várias localidades, além de ligação com a capital federal, através da Estrada de Ferro do Norte e da navegação entre os portos de Santos e do Rio de Janeiro, o que lhe prodigalizava intenso intercâmbio social, cultural e político. Além disso, tinha a sua Faculdade de Direito - uma das duas primeiras do Brasil, desde 1827 - o que a transformava num importante centro cultural, antes de se transformar, já no final do século XIX, no principal pólo econômico e político do país, graças à primazia de Santos, como porto exportador.

No Grande Oriente, o Grão-Mestre Luis Antonio Vieira da Silva, que, como Ministro da Marinha do império, por ocasião da assinatura da Lei Áurea, recebera, em janeiro de 1889, o título de visconde Vieira da Silva, viria a falecer a 3 de novembro daquele ano, tendo pouco antes, no começo de outubro, autorizado a instalação de uma Grande Loja Provisória em S.Paulo. Com a morte de Vieira da Silva, assumiria o cargo, interinamente, o Adjunto, visconde de Jary. A este caberia, em nome do Grande Oriente do Brasil, se manifestar, aderindo à mudança de governo, numa atitude coerente, além de lógica.

Implantada a república, Deodoro assumiria o poder, como chefe do Governo Provisório, com um ministério totalmente constituído por maçons: Quintino Bocayuva, na Pasta dos Transportes; Aristides Lobo,

na do Interior; Benjamin Constant, na da Guerra; Rui Barbosa, na da Fazenda; Campos Salles, na da Justiça; Eduardo Wandenkolk, na da Marinha; e Demétrio Ribeiro, na da Agricultura. Esses homens foram escolhidos pelo fato de representarem - com exceção de Rui, que era chamado de "republicano do dia 16" - a nata dos "republicanos históricos", que, por feliz coincidência, pertenciam ao Grande Oriente do Brasil, numa época em que a Maçonaria abrigava os melhores homens do país e a elite intelectual da nação.

A 19 de dezembro do mesmo ano de 1889, pouco mais de um mês após a implantação da república, Deodoro, sendo chefe do Governo Provisório, era eleito Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, tendo, como Adjunto, Josino Nascimento da Silva. Ele só iria tomar posse do cargo, todavia, a 24 de março de 1890, enquanto o Adjunto só assumiria a 18 de agosto do mesmo ano.

Deodoro, na realidade, pouco podia se dedicar ao Grão-Mestrado, pois o novo regime necessitava de



Deodoro da Fonseca

consolidação e não contava com o consenso de seus artífices, já que, nos primeiros momentos, havia duas correntes republicanas com idéias totalmente antagônicas: uma, queria a república democrática representativa, enquanto que a outra

desejava uma ditadura sociocrática de tipo *comtista* ou seja, de acordo com a doutrina de Comte, o positivismo (e não se pode esquecer que grandes expoentes do movimento, como Benjamin, Júlio de Castilhos e Lauro Sodré, eram positivistas). Acabaria vencendo a corrente democrática, sustentada por Rui Barbosa, seu maior expoente e a cuja diligência deve-se a elaboração do projeto de Constituição Provisória, em decorrência do qual instalou-se, a 15 de novembro de 1890, o Congresso Constituinte. Antes disso, todavia o Governo Provisório já executara a reforma institucional, inclusive com a lei de 7 de janeiro de 1890, que separava a Igreja do Estado e com a qual se tornava impossível uma nova questão como a de 1872.

No ano de 1890, na alvorada da República brasileira, São Paulo iria ver a fundação de mais duas Lojas: Loja "ORDEM E PROGRESSO", da Capital, fundada a 24 de fevereiro de 1890 no Rito Moderno, ou Francês e na jurisdição do Grande Oriente do Brasil, onde recebeu o número 428, no Registro Geral das Lojas.

Loja "HARMONIA E CARIDADE", da Capital fundada a 12 de setembro de 1890 no Rito Adoniramita e na jurisdição do G.O. do Brasil onde recebeu o número 430, no Registro Geral.

Em novembro de 1890, em Santos, ocorreria um fato curioso e que mostra certa prevenção da população contra os maçons: o Venerável da Loja "FRATERNIDADE" Francisco Alves da Silva, fora nomeado Inspetor da Alfândega; em manifestação de regozijo, a Loja fez uma sessão extraordinária e os obreiros foram, incorporados e todos paramentados - e com o estandarte da Loja-em cortejo a pé até à casa dele. Só o Porta-Espada não foi com a espada por recomendação da Loja, "para não causar espécie aos profanos", segundo a ata.



## A Maçonaria na Itália

Ir.: Alferio de Giaimo Neto

**É** uma tarefa desencorajadora e talvez desesperançosa a de rastrear o curso da Maçonaria na Itália, e possivelmente uma conquista vazia quando terminada, sendo que houve raras Lojas Italianas com o verdadeiro significado Maçônico reconhecidas pelas Grandes Lojas que falam a língua inglesa. Não poderia haver melhor ilustração do caos da Maçonaria Italiana, que as condições que prevaleceram à época em que Mussolini fechou as Lojas e iniciou a campanha para destruí-las permanentemente naquele país. Esse caos, para as duas Grandes Entidades daquele período que se dispuseram, infelizmente, a voar uma contra a garganta da outra, pouparam o trabalho de Musolini de enviar não mais que um golpe de misericórdia. Os líderes eram Torriagini e Palermi, cada um deles assumindo válidos direitos de liderança na Maçonaria Italiana. Lá, assim como em outros países Latinos, um dos principais pontos de contenção foi a respectiva procura pela superioridade da Grande Loja Simbólica e do Supremo Conselho do Rito Escocês. A característica da Maçonaria Italiana era similar à Francesa com, talvez, menos brilhantismo e mais discórdia.

Talvez isso tenha ocorrido, pelo fato de que a velha Itália sempre esteve dividida, pois era um grande Feudo da Igreja Católica Romana. Mais de um terço da Itália, era composto de estados Pontifícios, onde a Igreja fazia e desfazia sobre o destino de seus súditos.

Durante 1124 anos, de 756 a 1870 de nossa era, a Igreja dominou os estados italianos, com mandos e

desmandos. O último Papa foi o Pio IX. Obviamente, esse desconforto e descontentamento do povo, que queria um Itália unida, geraram líderes rebeldes, que não queriam esse sufoco do domínio Papalino. Entre eles, o grande Maçom, General Giuseppe Garibaldi.

Nosso Ir.: Xico Trolha, nos diz em seu livro “Galeria de Maçons Famosos – Vol 3”:

“O fato da Carbonária lutar contra as forças militares do Papa e de Garibaldi, além de Carbonário, ser Maçom, também criou um grande atrito – Igreja Católica e Maçonaria. O atrito foi tão forte que levou o Papa Pio IX a assinar mais de 600 documentos contra a Maçonaria, cujos resquícios chegaram até nós.

A prisão domiciliar do Papa e a perda dos Estados Pontifícios, pela Igreja, foi uma derrota que a Igreja nunca conseguiu assimilar. E grande parte de seu fracasso foi debitada à Maçonaria Italiana, indevidamente, pois os Antipapistas Italianos, que lutaram pela Unificação, em sua maioria, quase absoluta, não faziam parte da Maçonaria.”

A história antiga da Maçonaria Italiana, como outras, nunca se sabe se é boato ou é verídica. É dito que Lorde Sackville fundou uma Loja em Florença em 1733, mas por qual autoridade, não nos foi revelada embora Lord Henry Fox Holland foi dito ter sido o Grão Mestre. É contado, também, que outras Lojas foram fundadas em Pisa, Siena, Perugia e Roma (1735).

Em 1738 o papa Clemente XII publicou a Bula Papal contra os Maçons, e a Itália, sendo um país solidamente católico, permitiu com que

esse decreto fosse aceito facilmente ao longo do país. Aquela acusação papal, de 1738, de vago conteúdo, foi suplementada pelo Decreto de 1739, proibindo a Maçonaria em qualquer lugar dentro do estado Papal, com pena de morte.

Tuscany, na parte central do norte da Itália, foi conquistada pela Áustria, na qual Francis de Lorraine, um firme Maçom, foi co-regente. Ele se deu conta da futilidade de opor-se ao Papa e ordenou que o decreto fosse aceito, mas não executado. Várias novas Lojas foram estabelecidas em Milão, Verona, Turim, Pádua e Venice, mas a Loja de Roma foi fechada em 1737.

A proibição da Maçonaria parece ter sido efetivada por cerca de um quarto de século.

Em 27 de fevereiro de 1764, a Grande Loja Nacional “Zelo”, foi fundada em Nápoles com 04 Lojas, assim como muitas outras em outras cidades. Essas fundações acabaram em 1783 como resultado da oposição real. No ano seguinte, o Grande Oriente da França estabeleceu um Grande Oriente, em Roma, em 1787, que infelizmente não durou mais do que dois anos.

Em 1801 uma Loja, seguida de um Grande Oriente em 1805, foi estabelecida em Milão, sendo que o último foi reconhecido pelo Grande Oriente da França em 1808, mas expirado em 1814. Em 1805, o Rito Escocês foi introduzido na Itália vindo da França e em 1809, um Supremo Conselho foi formado. Em 1807, houve então, dois Grandes Orientes: um o Grande Oriente da Itália, que incluía o Reinado Italiano com Eugene Beauharnais como Grão Mestre; o outro em Nápoles

*“A Ciência, em doses pequenas, nos afasta de Deus; em grandes, nos aproxima.” - Louis Pasteur (1822- 1895)*



Giuseppe Mazzini

com Giacchino Murat como Grão Mestre.

Em 1861, havia três Grandes Orientes localizados em Nápoles, Turim e Palermo, respectivamente, sendo o último liderado por Giuseppe Garibaldi, o patriota italiano. Em uma reunião em Florença, 21 a 24 de maio de 1864, os três uniram-se no Grande Oriente da Itália com Garibaldi como Grão Mestre.

Abrindo um pequeno intervalo, falaremos sobre esse grande Maçom, que foi Giuseppe Garibaldi.

“nasceu na Itália em Nice, em 04 de julho de 1807, na época em Napoleão estava no auge de suas conquistas, expulsando, inclusive, o regente de Portugal, Dom João VI, para o Brasil.

Seu pai era marinheiro, com o qual aprendeu a nobre arte de navegar. Na sua mocidade, conheceu dois importantes marinheiros, Carbonários – Mazzini e Camillo Benso Conte di Cavour, que influenciaram muito em seus ideais e o levaram para a Carbonária. Já atuando nesta, teve que fugir de seu país, indo refugiar-se nas costas do nordeste brasileiro, mais precisamente, em Salvador. Lá, as pessoas sabendo de suas habilidades como navegador, lhe solicitaram que conduzisse um

refugiado do Forte de Salvador para o sul do país. Esse refugiado era Bento Gonçalves, com o qual manteve estreita amizade, sendo levado por este, para o seio da Maçonaria. Não sabe ao certo o local onde foi iniciado, Brasil ou Uruguai, mas de acordo com nosso Ir.: Aldo Alessandro Mola, historiador maçônico italiano, consta (extraído do livro do Ir.: Xico Trolha):

“Giuseppe Garibaldi, iniciado alla Massoneria in Brasile nel 1844, Alla Loggia “Asilo de la Virtude”, e affiliato alla Loggia “Tonpkins n° 471” di Stepleton (New York).

Continuação...

Nel 1863, fu acclamato Sovrano Gran Commendador della Giurisdizione Del Rito Scozzese Ântico e Accettato, sedente in Palermo.

Proclamato Primo Massone D'Italia e Gran Maestro Del Grande Oriente D'Italia (1864). Nel 1872 fu Grande Maestro Onorario a vita.”

Voltando ao nosso tema, sabemos que, em 1867, havia o Grande Oriente em Florença e um Supremo Conselho em Palermo e um Grande Conselho em Milão. Em 21 de ju-



Camillo Benso Conte di Cavour

Continuação...

nho de 1867, Garibaldi que havia se tornado líder do Supremo Conselho em Palermo, convocou uma reunião de todas as Lojas na Itália na qual vários Grandes Entidades uniram-se no que resultou um Supremo Grande Conselho do Grau 33 do Rito Escocês, uma Grande Loja Simbólica e um Supremo Conselho do Rito de Memphis.

Em 1870 o poder temporal do Papa foi aniquilado, os estados papais foram tomados por governos seculares e nacionalistas italianos emergiram. Em 1872, na primeira reunião geral das Lojas, uma Constituição foi adotada que perdurou até 1920. O Grande Oriente pode mostrar uma contínua lista dos Grãos Mestres desde Garibaldi, em 1864, até Públio Cortini em 1953, embora três deles em exílio durante a segunda guerra Mundial.

Um grande cisma atacou a Itália em 1908, resultando em 1919 na criação da Grande Loja Nacional de Palermo. Começa a se agravar, nessa época, a briga entre os Supremos Conselhos e as Lojas Simbólicas, agravada pela política de reconhecimento, principalmente das Grandes Lojas Americanas, que nem sempre concordavam com o reconhecimento das Grandes Lojas Inglesas, sem contar com o Grande Oriente da França.

Maçonaria dividida não dura para sempre. Em 1923, o Conselho Facista ordenou aos Maçons que escolhessem entre Maçonaria e Facismo. O Grande Oriente conscientizou-se do direito de seus membros de abandonar a Maçonaria e juntar-se aos Facistas e muitos deles o fizeram. Torrigiani publicou um livro sobre Maçonaria e Facismo. O terrorismo começou a surgir contra a Fraternalidade.

O Grão Mestre apelou para os oficiais da lei do Governo por proteção contra atos de violência. Em 1924, o Conselho Facista proibiu qualquer facista de ingressar na Maçonaria; Maçons que eram facistas foram ordenados a abandonar a Fraternalidade e as entidades maçônicas que não eram simpáticas com o governo seriam fechadas.

Acordos anti-maçônicos circularam e comitês foram indicados para coletarem informação sobre a Maçonaria. Em 10 de janeiro de 1925, a lei anti-Maçonaria foi promulgada na forma de uma lei contra todas as sociedades secretas. Pela virtude de um poder especial, delegado a ele pelo Grande Oriente, o Grão Mestre Torrigiani dissolveu todas as Lojas maçônicas sob a sua obediência. A data desse ato não é conhecida, mas foi provavelmente cerca de 1925. Em 09 de janeiro de 1926, os facistas ocuparam todos os prédios maçônicos.

Mesmo antes do início da II Grande Guerra o Grande Oriente tinha ido ao exílio. Torrigiani foi preso e levado a um campo de concentração, falecendo posteriormente, como resultado de seus sofrimentos como preso político na Ilha de Lipari, em agosto de 1932. O Governo Facista Italiano caiu em 25 de julho de 1943 e a completa liberação da Itália da Alemanha ocorreu em 25 de abril de 1945. Depois disso, 200 lojas foram reativadas. Em setembro daquele ano, uma comissão maçônica americana constituída por Ray V. Denslow, Charles H. Johnson, George E. Bushnell e Claude J. MacAllister foram para a Itália e em 18 de novembro de 1949, as duas filiais divididas foram unidas em uma entidade nacional conhecida como Grande Oriente da Itália – Grande Loja Nacional, com Dott Guido Laj como Grão Mestre. Dentro dos mais conhecidos da Maçonaria Italiana estavam o Dr. Publio Cortini, formal Grão Tesoureiro, agora falecido, o qual era bem conhecido nos EUA, tendo organizado várias reuniões e impressionado a todos com sua alta personalidade. Em 1956, o Grande Oriente foi reconhecido por 37 grandes Lojas nos EUA.

Houve outra Grande Loja organizada em 1948 que foi comumente chamada de Grande Loja Moroli ou grupo Moroli. Ela foi reconhecida por 05 Grandes Lojas nos EUA, e também o Supremo Conselho associado com aquele grupo foi reconhecido pelo Supremo Conselho da Jurisdição Sulista dos EUA. Vários pequenos grupos foram organizados e batalharam pela sua existência e reconhecimento.

Parece que os problemas do Grande Oriente pioraram em 1960, quando o Grão Mestre, Giordano Gambellini, confiou a Lício Gelli, um empresário, para melhorar a imagem da Loja, listando homens proeminentes para ingressar na Maçonaria. Parece que ele conseguiu, mas não da maneira esperada pelos legítimos oficiais do Grande Oriente. A Loja de Gambellini, “Propaganda Due” (comumente chamada “P-2”) acreditou ser usada para propósitos políticos.

Segundo o historiador Martin Lunn, o nome completo da P2 era Raggruppamento Gelli Propaganda Due, fundada em 1966. Infelizmente, de uma forma inadequada, essa pseudo facção maçônica se envolveu na luta contra o comunismo. Na opinião do líder do Partido Republicano da Itália

*“O exemplo não é a melhor forma de ensinar... é a única - Anônimo*

Continuação...

na época, a P2 transformou-se no “centro de poluição da vida nacional- secreta, perversa e corrupta”. Ela derrubou o governo do primeiro-ministro Arnaldo Forlani e agia como um canal para o fornecimento de fundos do Vaticano e da CIA, para organizações anticomunistas na Europa e na América Latina. A P2 foi exposta quando o “banqueiro de Deus”, Roberto Calvi, foi encontrado morto, suspenso sob a ponte Blackfriars, em Londres, em 1982. Calvi canalizou milhões de dólares do Vaticano para o grupo revolucionário polonês “Solidariedade”.

Quando o banco privado de Calvi teve problemas, ele pediu ajuda ao Vaticano, fazendo vagas ameaças de expor a origem do apoio da Solidariedade. Ele viveu por mais doze dias antes de sua morte repentina - e do desaparecimento de sua pasta, que o Vaticano, aparentemente comprou, mais tarde, por alguns milhões de dólares.

Alguns dizem que a P2 foi, e provavelmente ainda é, controlada pela Máfia. Outros, que a KGB, a CIA são responsáveis. A P2 operava por intermédio do Grão-Mestre Licio Gelli, convencendo os membros em

potencial, de que ele tinha grande influência, e eles acreditavam que Gelli poderia pavimentar o caminho para seu próprio sucesso pessoal. Este sistema se auto-perpetuava, e o poder de Gelli aumentava exponencialmente. Ele procurava extrair segredos oficiais de seus membros, segredos que poderia usar para aumentar seu poder e enganar outros. Em 1981, quando a polícia invadiu propriedades de Gelli, foram descobertas as listas de membros que foram publicadas na imprensa italiana. Um dos membros estava listado como Giulio Andreotti, o político cristão democrata que foi seis vezes primeiro-ministro da Itália. Em 1995, ele foi acusado de vender favores políticos para a Máfia e de cumplicidade no assassinato de um jornalista em 1979. Em 1999, ele foi absolvido de ambas as acusações. Esta decisão foi sustentada na corte de apelação em 2003.

A Loja foi suspensa na metade de 1970. Posteriormente, soube-se que vários de seus membros, agora maçons suspensos, eram do alto escalão da política italiana. Muitos deles estavam envolvidos em fraudes bancárias, e outras repugnantes coisas.

A situação Maçônica na Itália em 1994 era tão confusa quanto foi a décadas atrás. Em setembro de 1993, a Grande Loja Unida da Inglaterra, retirou seu reconhecimento do Grande Oriente da Itália.

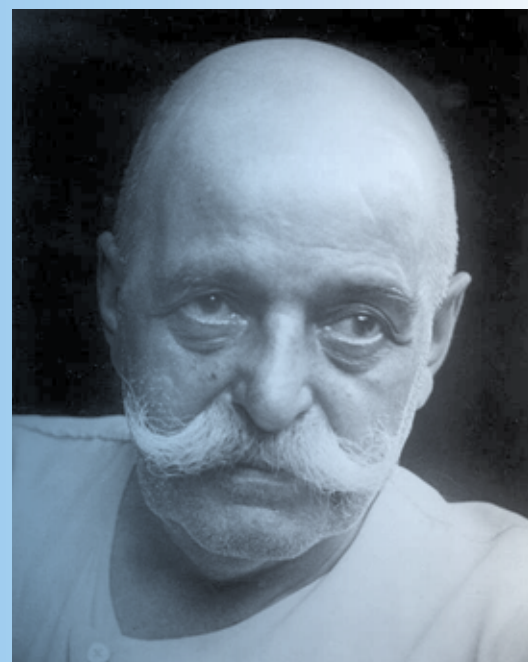
Ao longo dos anos, vários Supremos Conselhos do Rito Escocês ajudaram a manter ótima reputação da Maçonaria Italiana, que estava em dilema. Qual dos grupos deveriam ser reconhecidos? Uma questão difícil de responder. Toda Grande Loja no mundo reconhecem entidades que outras consideram irregulares. Isso será provavelmente sempre um fato na vida. Mas nessa época de comunicação instantânea, via telefone, televisão, computadores e meios ainda não vistos, as pessoas do mundo vivem próximas umas das outras, supõe-se que, um dia, o fato do reconhecimento de uma potência maçônica por outras já estabelecidas e reconhecidas, se torne mais fácil e coerente e tudo tenderá a se normalizar.

A atual situação da Maçonaria na Itália não foi objeto de estudos neste Trabalho, mas será objetivo de outros, no futuro.

## *Essa é a Natureza do Homem...*

Ao primeiro presente que você lhe faz – ele se ajoelha;  
ao segundo – beija-lhe a mão;  
ao terceiro – ele se inclina;  
ao quarto – contenta-se com um sinal de cabeça;  
ao quinto – torna-se familiar;  
ao sexto – ele o insulta;  
e ao sétimo – ele o põe na justiça  
porque você não lhe deu o suficiente.

George Ivanovitch Gurdjieff  
(1866-1949)



## Templos de Luz da Maçonaria: Grande Oriente D'Italia - Palazzo Giustiniani



**Liberta - Uguaglianza - Fratellanza**



*"Mentiras escritas com tinta nunca poderão disfarçar fatos escritos com sangue" Lu Chun (1881-1936)*

## A ÂNFORA DE ARGILA

Está cheia demais minha ânfora de argila  
Transborda a essência: és pobre e eu posso reparti-la  
Contigo, ó tu que vens de tão longe e tão perto  
Passas de mim! É longo e estéril o deserto...

Meu vinho é puro e toca os bordos de meu vaso  
Antes que o beba o chão, Peregrino do Acaso,  
Chega-te, e vem matar no bocal generoso,  
A eterna sede de teu cântaro poroso!

Enche-o e parte! Depois, olha atrás...e recorda...  
Todo amor não é mais do que um “eu” que transborda.

GUILHERME DE ALMEIDA

## História da Maçonaria no Brasil - parte 2

Antonio Giusti - 33°

**D**epois do regresso do rei D. João VI para Portugal, a Loja “Commercio e Artes” se instalou, em 4 de Junho de 1821, na casa do Capitão de Mar e Guerra José Domingos de Athayde Moncorvo, situada a Rua do Fogo esquina com a Rua das Violas, reerguendo suas colunas abatidas.

No início, contava com 94 obreiros, criaram-se mais duas Lojas com os títulos distintivos de “União e Tranqüilidade” e “Esperança de Nictheroy”.

Eram estes os quadros dessas três lojas:

**Loja “Commercio e Artes”:** Venerável, Manoel dos Santos Portugal, 1° Vigilante, Thomaz José Tinoco de Almeida, 2° Vigilante, Domingos Ribeiro Guimarães Peixoto, Orador, Padre mestre Fr. Francisco de Santa Theresa Sampaio, Secretário, Domingos Alves Branco Muniz Barreto, Tesoureiro, António José de Sousa, Mestre de cerimônias, Joaquim Nunes de Carvalho, Experto, Guilherme Cypriano Ribeiro, Cobridor, Pedro Orsini Grimaldi, Membros: o cirurgião-mor Francisco Mendes Ribeiro, João Mendes Vianna, João Ewbanck, Thomaz Soares de Andrade, Francisco Xavier Ferreira, Joaquim José Ribeiro de Barros, Francisco Bibiano de Castro, José de Almeida Saldanha, Manoel José de Oliveira, Manoel Joaquim Corrêa da Silva, Joaquim Ferreira Franco, Francisco da Silva Leite, João Fernandes Thomaz, Ignácio Joaquim de Albuquerque, António Corrêa Franco, Padre Januário da Cunha Barbosa, João Francisco Nunes, Luiz Ferreira da Nóbrega de Sousa Coutinho, João Pedro de Araújo Saldanha, Manoel Carneiro de Campos, Manoel da Fonseca Lima e Silva, Francisco António Rodrigues e Cônego Belchior Pinheiro de Oliveira.

**Loja “União e Tranqüilidade”:** Venerável, Albino dos Santos Ferreira, 1° Vigilante, José Joaquim de Gouvêa, 2° Vigilante, Joaquim Valério Tavares, Orador, José Clemente Pereira, Secretário, José Domingos de Athayde Moncorvo, Tesoureiro, José Cardoso Netto, Mestre de Cerimônias, João José Dias Camargo, Experto, Francisco de Paula Vasconcellos, Cobridor, Manoel Joaquim de Menezes, Membros: João Luiz Ferreira Drummond, Domingos Alves Pinto, Luiz Manoel de Azevedo, José de Sousa Teixeira, João Militão Henriques, Francisco José de Reis Alpoim, Manoel Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio, Samuel Wook, João da Costa Silva, José Joaquim dos Santos Marrocos, António dos Santos Cruz, Miguel de Macedo, José Joaquim dos Santos Lobo, José Ignácio Albernaz, João António Pereira, Euzébio José da Cunha, Padre Manoel Telles Ferreira Pitta, Cypriano Lenço, João da Silva Feijó, João Bernardo de Oliveira Barcellos, Joaquim Gonçalves Ledo, Luiz Cyriaco, Domingos José de Freitas.



*Conde dos Arcos, Vice-Rei e o primeiro perseguidor da inscípiente maçonaria no Brasil*

**Loja “Esperança de Nictheroy”:** Venerável, Pedro José da Costa Barros, 1° Vigilante, Ruy Germack Possollo, 2° Vigilante, José Maria da Silva Bittencourt, Orador, Dr. João José Vahia, Secretário, João António Maduro, Tesoureiro, João da Silva Lomba, Mestre de cerimônias, Francisco Júlio Xavier, Experto, Manoel Innocencio Pires Camargo, Cobridor, Padre João José Rodrigues de Carvalho. Membros: José Rodrigues Gonçalves Valle, Innocencio de Accioli Vasconcellos, Herculano Octaviano Muzzi, José Bonifácio de Andrada e Silva, Fr. Carlos das Mercês Micheli, Luiz Ferreira da Silva Manoel, Manoel Gaspar Moreira, Dr. José da Cruz Ferreira, João Ribeiro de Castro Braga, António José de Lança, Fernando José de Mello, Francisco das Chagas Ribeiro, Guilherme Thompson, Belarmino Ricardo de Cerqueira, Manoel da Silva Sousa, José da Cunha Santos, Manoel Joaquim de Oliveira Alves, Francisco António Leite, Ricardo Alves Villela, Ignácio José de Araújo, Luiz Moura Pinto Lobato.

O fim social quase exclusivo dessas três lojas era promover a independência do Brasil.

Contando com três lojas, os maçons trataram de constituir o Grande Oriente do Brasil independente do Grande Oriente Lusitano, e com esse intuito, foi convocado o povo maçônico para, em assembléia geral, presidida pelo Ven. • da Loja “Commercio e Artes” João Mendes Vianna, procedeu à eleição dos membros do Grande Oriente do Brasil; nessa eleição realizada em 28 de Maio de 1822, foram eleitos por maioria de votos: Grão Mestre da Ordem, o Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, Grão Mestre adjunto, o Marechal Joaquim de Oliveira Alves, 1° Grande Vigilante, Joaquim Gonçalves

Continuação...

Ledo, 2º Grande Vigilante, o Capitão João Mendes Vianna, Grande Orador, o Padre-mestre Januário da Cunha Barbosa, Grande Secretário, o Capitão Manoel José de Oliveira, Grande Chanceler, Francisco das Chagas Ribeiro, Promotor fiscal, Coronel Luiz Ferreira de Nóbrega de Sousa Coutinho, Grande Experto, Joaquim José de Carvalho, Grande, Cobridor, João da Rocha, e outros grandes oficiais indispensáveis aos trabalhos da grande oficina.

As três lojas metropolitanas tiveram a seguinte classificação:

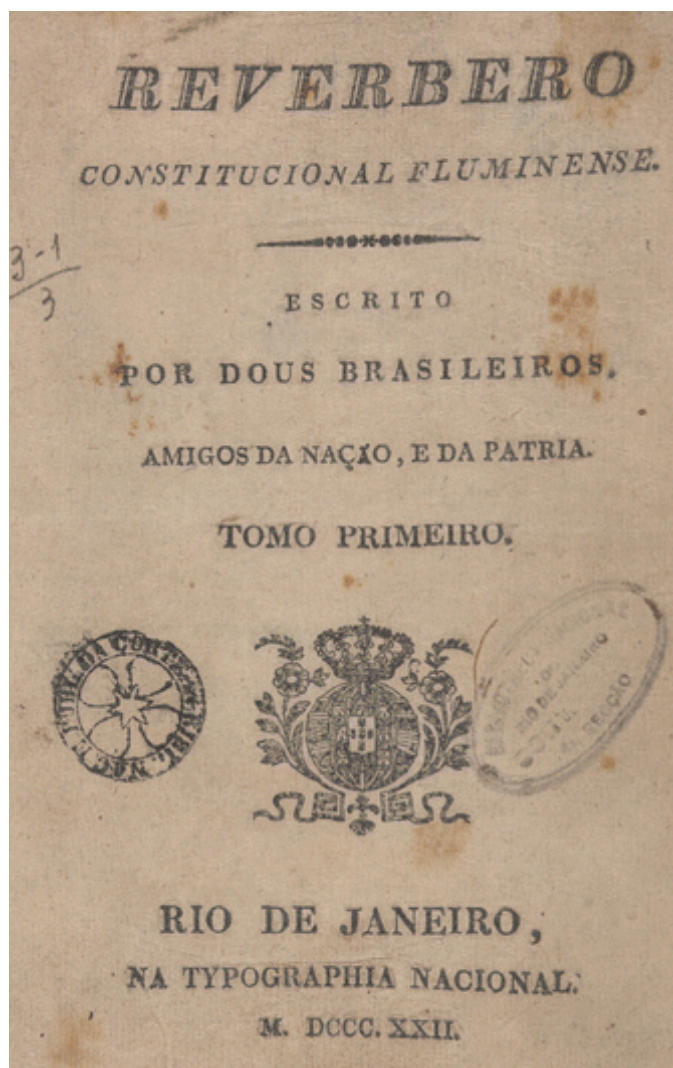
1º “Commercio e Artes”: seria a loja mãe, representando a idade de ouro. 2º “União e Tranqüilidade”: simbolizando o dia 9 de Janeiro, a fim de perpetuar as palavras do Príncipe Regente, quando disse: “Se é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico”, e recomendo união e tranqüilidade. 3º “Esperança de Nitheroy”: símbolo da projetada independência do Brasil.

A posse dos membros do Grande Oriente do Brasil se deu em um espaçoso edifício que existia no porto do Meyer, na Praia Grande.

Na véspera do dia 24 de Junho de 1822, para ali partiram o Major do Corpo de Polícia Manoel dos Santos Portugal, João da Silva Lomba e António José de Sousa, com todos os arranjos para a posse e banquete; e na manhã do dia 24, depois do almoço, foram empossados os grandes oficiais, terminando a cerimônia pela festa e banquete, que se deu com as formalidades do rito. Alugou-se na cidade um edifício para os trabalhos das três lojas e para as sessões do Grande Oriente o sobrado nº. 4, na Rua do Conde, da Cidade Nova, depois Rua do Conde D’Eu, onde

foram admitidas nas diferentes lojas todas as pessoas de importância do Rio de Janeiro.

Devemos interromper a cronologia dos fatos relativos ao desenvolvimento da maçonaria no Brasil, para mostrar a sua ação decisiva e preponderante na obra da independência; o que faremos, transcrevendo a lição de vários historiadores.



Desde cedo, os brasileiros começaram a conspirar (refere o Dr. Joaquim Manoel de Macedo em suas Lições de Historia do Brasil); as sociedades secretas trabalhavam ativamente; Joaquim Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barbosa escrevendo o periódico “Reverbero”, (vide figura acima) foram na imprensa os órgãos das idéias e da causa do Brasil. O advogado Capitão-mor José Joaquim da Rocha, o Coronel Luiz Pereira da Nobrega e Franciscano Frei Sampayo foram os

chefes de um clube patriótico que prestou os mais relevantes serviços, e que reagindo com os últimos decretos das cortes, resolveu promover representações em oposição à retirada do príncipe, e, como ato contínuo, partiram Paulo Barbosa da Silva para Minas Gerais, e Pedro Dias Paes Leme, depois Márquez de Quixeramobim, para São Paulo, a fim de motivarem as juntas dessas províncias. Aos 24 dias de dezembro de 1821, a província de São Paulo concordou logo com o convite patriótico de sua junta provisória, de que era vice-presidente José Bonifácio de Andrada e Silva, e em 31 de dezembro do mesmo ano o senado da câmara de São Paulo satisfaz o mesmo dever, pedindo ao príncipe que suspendesse o seu regresso a Portugal.

Os patriotas do Rio de Janeiro, estimulados pela decisão dos paulistas e pelas notícias animadoras recebidas de Minas Gerais... apressaram-se a fazer uma coleta de assinaturas do povo, pedindo ao príncipe regente que ficasse no Brasil. Foi recolhida mais de oito mil assinaturas, e no dia 9 de janeiro de 1822 foi apresentada ao príncipe-regente pelo senado da câmara, no paço municipal.

José Bonifácio de Andrada e Silva, na qualidade de membro dos deputados de São Paulo, chegou ao Rio de Janeiro, e, vitorioso como o grande herói da época, foi, em 16 de Janeiro de 1822, nomeado ministro dos negócios do reino e dos estrangeiros, no ministério então formado pelo príncipe regente.

Tomando tal preponderância, se tornou o principal diretor dos acontecimentos, no que se refere a representação paulista, os seus intuitos seriam de um completo rompimento com Portugal.



## O Que é Magia ?

Osmar de Carvalho, M.:M.:

**E**m nosso mundo tecnológico e dominado pelo pensamento científico, falar sobre o sobrenatural, e sobre a Magia em especial, parece mais um esforço de ficção do que propriamente o enfoque de uma coisa real. Com certeza, podemos perceber que a MAGIA de uma civilização acaba por se tornar a TECNOLOGIA da próxima. Com muito mais propriedade, a TELEPATIA do passado inspirou as modernas telecomunicações; e se antigamente alguns poucos podiam exercer este “poder mágico”, hoje a telecomunicação está ao alcance de todos.

Mas há ainda muito a se descobrir, e nossa ciência ainda adentrará no verdadeiro reino chamado de MÁGICO pelos antigos. Na Pérsia os termos MAGO e MESTRE tinham o mesmo significado. Nos escritos de Platão lemos que sua opinião sobre a Magia era de que ela “consiste no culto dos deuses, e se adquire mediante este culto”. Ora, se trocarmos o termo “deuses” por “energias” e “forças da natureza”, como conhecido hoje pela ciência, veremos que ele tinha razão. Mas a verdadeira fronteira da ciência ainda está por ser desbravada, que é a consciência humana, o único instrumento “científico” capaz de desvendar os mistérios naturais, objetivos e subjetivos, visíveis e invisíveis. Ainda estamos por descobrir e associar ao pensamento científico o princípio de que “a inteligência está por detrás da matéria”, como disse em A Doutrina Secreta Helena Blavatsky, e que o homem somente poderá compreender realmente o Cosmos quando realizar esta verdade fundamental da natureza.

Para os antigos povos, a Magia era



a ciência de comunicar-se com Potências Supremas e supramundanas e as dirigir, assim como de exercer império sobre as das esferas inferiores; era um conhecimento prático dos mistérios ocultos da Natureza, conhecidos unicamente de uns poucos, por razão de ser tão difíceis de aprender sem incorrer em pecados contra a própria Natureza. Os místicos antigos e os da Idade Média dividiam a Magia em três classes: Teurgia, Goecia e Magia natural. “Há muito tempo, a Teurgia foi apropriada como a esfera particular dos teósofos e metafísicos”, disse Kenneth Mackenzie. Pois que estas formulações demonstram que a Magia era exatamente um termo usado para declarar a ação da consciência humana sobre as forças naturais, o que inclui forças não apenas “cegas”, como a ciência as entende, mas também as subjetivas e psíquicas, onde apenas a consciência humana pode atuar.

A projeção da nossa consciência sobre a natureza fica claro na divisão entre Magia Branca e Negra, pois

que se a primeira é benévola e altruísta, a segunda é totalmente egoísta, solipsista e prejudicial. Mas sabemos que entre o BRANCO e o NEGRO existem praticamente infinitos tons e CINZA, e vemos no mundo que os mesmos agentes atuam alternadamente nos dois pólos, ou entre eles. As forças são NEUTRAS, e é apenas a consciência humana que é capaz de modelá-las para uma ou outra direção.

Magia Divina, ou Branca, assim chamada por ser livre de egoísmo, de desejo de poder, de ambição, de lucro, e que tende unicamente a fazer bem ao mundo em geral e ao próximo em particular rapidamente pode converter-se no seu antípoda, a Magia Negra ou feitiçaria, se nela pe-

netrar o mais leve intento encaminhado a utilizar os próprios poderes para a satisfação pessoal.

Há que se notar que não foram exatamente as doutrinas religiosas do passado que sempre perseguiram as Tradições de Mistérios, as quais bravamente defendem instituições como a Maçonaria, mas sim justamente aqueles que põe as forças cósmicas a serviço de seus interesses pessoais e comezinhos, atacando aqueles que defendem e praticam a MAIS ALTA MAGIA DIVINA, aquela que trata de INICIAR o homem nos mistérios do universo e da sua própria consciência. Enquanto a Magia Divina liberta e instrui, a Magia Negra tenta escravizar, limitar e impedir o crescimento de todos rumo a verdadeira LUZ do Espírito que está em cada homem, e que é seu único salvo conduto para dominar as forças da natureza e se harmonizar com seu semelhante, retornando conscientemente à sua FONTE, DEUS, O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO.

## Mediocracias

José Ingenieros (1877-1925)

**E**m certos períodos a nação adormece dentro do país. O organismo vegeta; o espírito cai em modorra. Os apetites perseguem os ideais tornando-se dominadores e agressivos. Não há astros no horizonte nem auriflamar nos campanários. Não se percebe clamor algum no povo: o eco das nobres vozes animadoras não ressoa. Todos se apinham em torno às mesas oficiais, para alcançar alguma migalha da merenda. É o clima da mediocridade. Os Estados tornam-se Mediocracias, que os filólogos inexpressivos prefeririam chamar Mesocracias.

Entra na penumbra o culto à verdade, a ânsia de admiração, a fé em crenças firmes, a exaltação de ideais, o desinteresse, a abnegação, tudo quanto está no caminho da virtude e da dignidade. Num mesmo diapasão utilitário temperam-se todos os espíritos...

Nesses parênteses de estultícia, as Mediocracias aventuram-se por veredas ignóbeis, a obsessão de acumular tesouros materiais, ou o torpe afã de os usufruir em repouso, apaga do espírito coletivo todo vestígio de sonho. Os países deixam de ser pátrias. Todo ideal agoniza ou morre. Os filósofos, os sábios, os artistas, são demais; o peso da atmosfera embaraça suas asas e deixa, de voar. Sua presença desgosta os traficantes, todos quanto trabalham por lucro, os escravos da economia ou da avareza. As cousas do espírito são depreciadas.

Não lhe sendo propício o clima, contam-se seus cultores. Não chegam a trazer preocupação às Mediocracias; estão proscritos den-

tro do país, que mata a fogo lento seus ideais, sem precisar desterrá-los. Cada homem fica preso entre mil sombras que o rodeiam e paralisam.

Sempre há mediocres, são perenes. O que varia é seu prestígio e sua influência. Nas épocas de exaltação idealista mostram-se humildes, são tolerados; ninguém os nota; não ousam imiscuir-se em cousa alguma. Quando de entibiam os ideais e se substitui o qualitativo pelo quantitativo, começa-se a contar com eles. Apercebem-se, então, de seu número, reúnem-se em grupos, arrebanham-se em partidos. Cresce sua influência na justa medida em que o clima se modera; iguala-se o sábio ao analfabeto, o senhor ao lacaio, o poeta ao prestamista. A mediocridade condensa-se, converte-se em sistema, é incontrastável...

As ciências convertem-se em mecanismos oficiais, em institutos e academias, de onde nunca sai o gênio, e o talento mesmo se lhes impede de brilhar; sua presença humilharia com a força do contraste. As artes tornam-se indústrias patrocinadas pelo Estado, reacionário em seus gostos e inimigo de toda a previsão de novos ritmos, ou novas formas, a imaginação de artistas e poetas parece avivar-se em descobrir as fendas do pretexto e filtrar-se por elas. Em tais épocas os astros não surgem. Folgam: a sociedade não os necessita; basta-lhe sua corte de funcionários. O nível dos governantes desce até marcar zero; a mediocracia é uma confabulação dos zeros contra a unidade.

Cem políticos juntos não valem um estadista genial. Somai dez



zeros, cem, mil, todos os das matemáticas e não tereis quantidade alguma, nem sequer negativa. Os políticos sem ideal marcam o zero absoluto no termômetro da história, conservando-se limpos de infâmia e de virtude, equidistantes de Nero e Marco Aurélio.

Certa apatia conservadora caracteriza esses períodos; arrefece a ansiedade pelas coisas elevadas, prosperando, ao contrário, o afã pelos formalismos suntuosos. Os governantes que não pensam parecem prudentes; os que nada fazem se intitulam repousados; os que não roubam passam por exemplares. O conceito do mérito torna-se negativo; as sombras são preferíveis aos homens. Procura-se o originariamente medíocre, ou mediocrizado pela senilidade. Ao invés de heróis, gênios ou santos, reclama-se discretos administradores, milagrosos arquétipos do utilitarismo. Mas o estadista, o filósofo, o poeta, os que realizam, pregam e cantam alguma face de um ideal estão ausentes. Nada tem a fazer.

*“Uma alegria compartilhada se transforma em dupla alegria,  
uma dor compartilhada, em meia dor” Provérbio Suéco*

Continuação...



A tirania do clima é absoluta: nivelar-se ou sucumbir. A regra conhece poucas exceções na história. As Mediocracias negaram sempre as virtudes, as belezas, as grandezas; deram o veneno a Sócrates, o lenho a Cristo, o punhal a César, o desterro a Dante, o cárcere a Galileu, o fogo a Bruno; e enquanto escarneciam desses homens exemplares, esmagando-os cheios de ira, ou armando contra eles algum braço

insano, ofereciam sua escravidão a governantes imbecis, ou punham seus ombros para apoiar as mais torpes tiranias. Por um preço: que estas garantissem às classes fartas a tranquilidade necessária para usufruir suas riquezas.

Nessas épocas de lenocínio, a autoridade é fácil de ser exercitada: as cortes povoam-se de servís, de retóricos que *parlam pane* lucrando, de aspirantes a algum pa-

chalato, de polichinelos, em cujas consciências está sempre colado o rótulo ignominioso. As mediocracias escoram-se nos apetites dos que anseiam viver delas, e no medo dos que receiam perder a pitaça. A indignidade civil é lei nesses climas... A Política degrada-se, converte-se em profissão. Nos povos sem ideal, os espíritos subalternos medram em baixas intrigas de antecâmara. Na baixamar sobe o vil e se endurecem os traficantes. Toda excelência desaparece, eclipsada pela domesticidade. Instaure-se uma moral hostil à firmeza e propícia ao relaxamento. O governo vai parar às mãos de gentalha, que abocanha o orçamento. Abaixam-se os adarves e se alçam os monturos. O loureiro seca e os cardais se multiplicam. Os palacianos ombreiam-se com os malandrins.

Progridem funâmbulos e saltimbancos. Ninguém pensa, onde todos lucram; ninguém sonha onde todos devoram. O que antes era sinal de infâmia ou covardia, torna-se título de astúcia; o que outrora matava, agora vivifica, como se houvesse uma aclimação ao ridículo; sombras envilecidas erguem-se e parecem homens; a improbabilidade pavoneia-se e ostenta, ao invés de ser acanhada e pudica. O que nas pátrias cobre-se de vergonha, nos países nimba-se de honras.

As jornadas eleitorais convertem-se em grosseiras ostentações de mercenários, ou em pugilatos de aventureiros...

Os desonestos são legião; assaltam o Parlamento, para se entregar a especulações lucrativas.

*“Os poderosos podem matar uma, duas ou até três rosas mas jamais poderão deter a primavera.” Che Guevara*

Continuação...

Vendem seu voto a empresas que mordem as arcas do Estado; prestigiam projetos de grandes negócios com o erário, cobrando a tanto por minuto seus discursos; pagam a seus eleitores com empregos e dádivas oficiais, traficam sua influência, para obter concessões em favor de sua clientela. Sua gestão política soi ser tranqüila: um homem de negócios está sempre com a maioria. Apóia todos os governos. Os servis volteiam pelos Congressos, em virtude da flexibilidade de seus espinhaços. Lacaios dum grande homem, ou instrumentos cegos de sua manada, não ousam discutir a chefatura de um, ou as ordens da outra... Vivem de luz alheia, satélites sem calor e sem pensamento, jungidos ao carro de seu cacique, dispostos sempre a bater palmas, quando este fala, e a por-se de pé chegada a hora da votação... Há casos isolados de engenho e caráter, sonhadores de algum apostolado ou representantes de anelos indômitos; se o tempo não os domestica, servem os demais, justificando-os com sua presença, valorizando-os.

É de iludidos crer que o mérito abre as portas dos parlamentos envilecidos. Os partidos- ou o governo, em seu nome- operam uma seleção entre seus membros, em detrimento do mérito e em favor da intriga. Um soberano quantitativo e sem ideais, prefere candidatos que tenham sua mesma compleição moral; por simpatia e por conveniência...

Os cúmplices grandes ou pequenos, aspiram converter-se em funcionários. Desde que se inventaram os Direitos do Homem, todo imbecil os sabe de memória, para

os explorar; um eleitor considera-se apto para qualquer emprego, na vastíssima engrenagem burocrática, supondo que a igualdade perante a lei implica uma equivalência de aptidões. Crescendo as instituições de governo, o funcionalismo cresceu, chegando a ser uma classe, um ramo novo das oligarquias dominantes. Para impedir que fosse ativa, regulamentaram-na, cassando-lhe toda iniciativa e afogando-a na rotina... O mérito fica excluído em absoluto; basta a influência.

**Até agora não existiu uma democracia efetiva. Os regimes que adotaram tal nome foram ficções.**

Com ela sobe-se por caminhos equívocos. O característico do ignorante, é crer-se apto para tudo, como se a boa intenção salvasse a incompetência. Flaubert narra em páginas eternas a história de dois medíocres que chegaram a provar o provável: Buvard e Pécuchet. Nada fazem bem, mas a cousa alguma renunciam. Eles povoam as mediocracias; são funcionários de qualquer função, crendo-se órgãos valiosos para as mais contraditórias fisiologias...

As mediocracias negam a seus arquétipos o direito de escolher sua oportunidade. Atreiam-nos ao governo, quando seu organismo vacila e seu cérebro se obscurece: preferem o imprestável ou obtuso. Homens, repudiados na juventude são consagrados na velhice: nessa idade em que as boas intenções re-

sultam um cansaço produzido pelos maus costumes. Escolhem os que se acostumaram a tornar-se escravos de seu ventre, comendo até se fartar e bebendo até se embriagar, destruindo sua saúde em orgias, rebaixando sua dignidade na insolência dos tapetes verdes, tornando-se impróprios a todo esforço continuado e fecundo, preparando essas decrepitudes, em que o rim se fossiliza e o fígado se açucara. Essa é a melhor garantia para o rebanho rotineiro; seu ódio à originalidade o impele aos homens que começam a mumificar-se em vida...

Praticamente, a democracia tem sido, sempre, uma ficção. É uma mentira de alguns, que pretendem representar todos. Ainda que nela acreditassem, momentâneamente, Lamartine, Heine e Hugo, ninguém mais infiel ao verbo da equivalência universal que os poetas idealistas; os demais o são abertamente hostis. Outra é a posição do problema. É simples.

Até agora não existiu uma democracia efetiva. Os regimes que adotaram tal nome, foram ficções. As pretensas democracias de todos os tempos tem sido tramas de profissionais, para se aproveitarem das massas e excluir os homens eminentes. Tem sido sempre mediocracias. A premissa de sua mentira foi a existência de um povo capaz de assumir a soberania do Estado. Não há tal: as massas de pobres e ignorantes não tem tido, até hoje, aptidão para se governar: mudaram de pastores.

*Extraído do livro: "Las Fuerzas Morales", José Ingenieros Editora Porteña 1908*

*“Os teus atos, e não os teus conhecimentos é que determinam o teu valor” J. Fichte*



## BUDA

**E**ra ele príncipe, e seu pai, alertado por um monge que o filho iria tornar-se um Buda, segregou-o do mundo, encerrando-o num maravilhoso castelo situado no centro da magnífica região, toda cercada de altas muralhas. Nesse pequeno mundo artificial e belo criou-se Gotama, completamente ignorante da realidade da vida. Ali não havia doenças, todas as criaturas eram belas e formosas, nada faltava para que a existência do príncipe se desenvolvesse num verdadeiro paraíso. Certo dia, porém burlando a vigilância dos guardas, Gotama transpõe as muralhas que o impediam de ver o mundo em sua verdadeira fisionomia, e saiu a caminhar. Teve então três encontros que decidiram seu destino: deparou com um moribundo, um leproso e um velho no último grau de senectude.

Estas coisas abalaram profundamente sua alma, pois ele considerou que, mesmo sendo príncipe, com enorme poderio na mão, não estava livre daquelas fatalidades, Teria que envelhecer, morreria um dia e poderia, durante a vida, vir a contrair uma enfermidade qualquer. De que lhe valia então o poder? Por

que nascia o homem, se seu destino estava sempre ligado ao sofrimento e à dor? Mergulhado nessas preocupações resolveu retirar-se para as florestas, longe de tudo e de todos, para, através da meditação, encontrar a razão do sofrimento humano. Durante oito anos consecutivos praticou toda a sorte de ascetismo, seguindo todas as doutrinas até então conhecidas. Nenhuma delas lhe deu a resposta ansiosamente procurada. Finalmente, certo dia, sentado sob uma árvore, mergulhando em profunda meditação, obteve a iluminação total, percebendo toda a verdade. “Contemplou a REALIDADE face a face” e compreendeu, por percepção direta, toda a causa da infelicidade humana. Voltou então ao convívio dos semelhantes, pregando a maravilhosa doutrina da libertação. “Essa doutrina baseia-se em quatro verdades, que ele próprio denominou sagradas: existe a dor; há uma causa para a dor; a dor pode ser destruída; aqui está o Caminho para destruir a dor”.

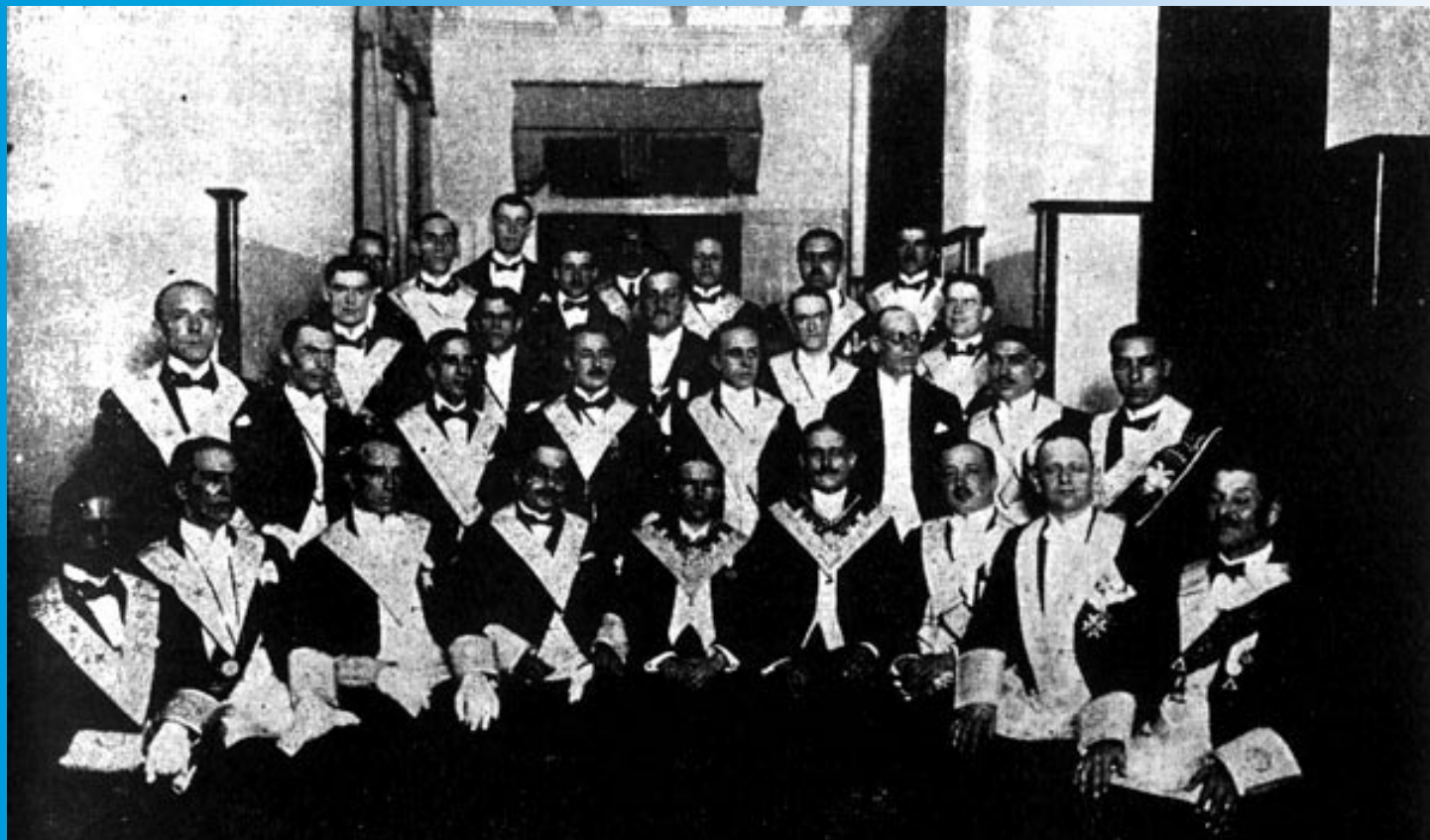
O estudo dessas verdades e a compreensão de sua beleza constituem o Jnâna-Yoga.

O Amor Universal adquirido pela Sabedoria é invariável e redentor.

Não está sujeito a alternâncias, porque não é produto do astral, mas de Búddhi. Quem ama porque compreendeu que é impossível viver sem amar a tudo que existe, não está sujeito a quedas e fracassos. O amor do Jnâna ou da Râja-Yoguim não está dirigido para determinado objeto ou pessoa, mas para todo o Universo.

Esse processo de unir-se a Deus pelo entendimento compreensão denomina-se na Índia “o caminho do olho”, enquanto o método devocional ou Bhakti-Yoga é chamado “o caminho do coração”. Ambos conduzem à meta final. Existe ainda um terceiro caminho, o Karma-Yoga, que é o processo da ação inegoísta. Todo aquele que se dedicar a trabalhar pela causa comum da humanidade, auxiliando seus semelhantes, agindo pelo simples amor ao trabalho e espírito fraternal, mesmo sem devoção ou discernimento de qualquer espécie, alcançará a libertação total.

A hatha-Yoga, que é a ciência do bem estar físico, não constitui por si mesma um método de união com a divindade. É isto sim, uma etapa do método real, e, portanto um meio e não um fim.



Obreiros da ARLS Campos Salles, vendo-se ao centro o Grão-Mestre do GOSP, no período 1921-1924, Dr. José Adriano Marrey Júnior.  
Foto de 11/02/1922



Obreiros da ARLS Libertas, filiada ao Gosp, federado ao GOB.  
Em destaque, o Irmão Jânio da Silva Quadros, então vereador do município de São Paulo, que viria a ser Presidente da República. Foto de 4/11/1948

## Programação Trimestral de Cursos e Palestras da Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do G.:O.:S.:P.:

Local: Palácio Maçônico do GOSP - Rua São Joaquim 457 - Liberdade

Horário: sempre aos sábados, das 10:00 às 13:00 horas. Informações: (0xx11) 3346-7088

Entrada franca (solicita-se a contribuição de 1k de alimentos não perecíveis)

Data	Evento	Observações
10-11-07	Palestra: Ambientalismo, um Caminho para a Transformação do Homem Ministrador: Antonio Carlos Jorge	Aberta ao público
17-11-07	I Ciclo de Palestras com os Oficiais do GOSP - Módulo III Ministrador: Humberto Yutaka Kagohara - Diretor da Mútua Maçônica	Restrito à Maçons
24-11-07	Palestra: Os Pergaminhos do Mar Morto e de Nag Hammadi Ministrador: Carlos Brasília Conte	Aberta ao público
01-12-07	I Ciclo de Palestras com os Oficiais do GOSP - Módulo IV Ministrador: Valter Sergio de Abreu - Grande Secretário Estadual de Cultura e Educação Maçônicas	Restrito à Maçons

Nota: O I Ciclo de Palestras com os Oficiais do Grande Oriente de São Paulo, será ministrado em quatro módulos e terá como objetivo fornecer aos maçons uma visão abrangente da administração do GOSP e de seu relacionamento com as lojas e Maçons da jurisdição. Está aberto aos Iir.: Aprendizizes, Companheiros e Mestres.

Obs: No início do ano vindouro será programado o II Ciclo destas palestras com os demais oficiais do GOSP.

### Agenda Trimestral de Atividades da GSCEM do GOSP nas Regiões Maçônicas

Data	Evento	Cidade	Observações
10/11/07	Curso de Formação de Oficiais e Mestre de Cerimônias	Ourinhos	Restrito à Maçons

**21ª Região Maçônica do Grão Mestrado:**

**Ourinhos:** Local a ser definido

## Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP Visite Nossos Blogs e Participe!

Blog da Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP  
[www.gsccem-gosp.blogspot.com](http://www.gsccem-gosp.blogspot.com)

ERAC - Encontros Regionais de Aprendizizes e Companheiros  
[www.eracgosp.wordpress.com](http://www.eracgosp.wordpress.com)

Blog da Revista Gosp Cultural On line  
[www.revistaculturalgosp.wordpress.com](http://www.revistaculturalgosp.wordpress.com)

Blog do Núcleo de Estudos Maçônicos  
[www.cursosopalestrasgsccem.blogspot.com](http://www.cursosopalestrasgsccem.blogspot.com)

